


BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XIV

JULHO ♦ AGOSTO — 1960

N.º 5 e 6

ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Francisco Montojos.

Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur F. Byrnes.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar.
Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil.

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.

Diretor Técnico Americano: Alton D. Hill.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba
Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.
Curitiba — Paraná — Brasil.

SUMÁRIO

EDITORIAL:

Reinício das aulas.

NOTICIÁRIO:

Resolução n.º 25.
Cursos Noturnos.
Visita dos Técnicos Americanos ao SENAI.
Designação de Conselhos de Representantes.
Regulamento de Excursões.
Organização da Banda de Música da Escola Técnica de Curitiba.
Orientação Profissional.
"O sentido de vida do ser humano".
Excursão a cidade de Paranaguá.
Duque de Caxias.
Visita a Usina Siderúrgica Marumby Ltda. (USIMAR).
Canto Orfeônico.

EDITORIAL:

Reinício das aulas

Abrem-se as salas de aula, e eis que aparecem os velhos mestres, satisfeitos e felizes das suas emoções provocadas por atividades diferentes onde foram buscar o descanso intelectual.

Retornam todos, e a Escola os recebe de braços abertos.

A nossa responsabilidade é grande, e a nossa missão espinhosa, mas quando assistimos a uma formação, ao aproveitamento e ao progresso dos nossos alunos, sentimos-nos verdadeiramente pagos e cumprida mais uma fase das nossas atividades profissionais.

Encaremos novamente a responsabilidade que assumimos com o Ensino Industrial no tocante à perfeita formação do educando, principalmente nesta hora em que a audácia, o patriotismo e a coragem do homem brasileiro rasga as selvas da Amazônia ligando à nova capital.

Tremula a Bandeira Nacional, símbolo da mãe brasileira que aperta contra o seio um novo filho, o Estado da Guanabara.

O "Boletim" da CBAI saúda todos os professores, e lhes deseja felicidades para a segunda etapa do ano letivo neste mês iniciada.

— Resolução N. 25 —

DISPÕE SOBRE CURSOS DE TREINAMENTO DE PROFESSORES, EM 1960, NO CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES, EM CURITIBA.

O Superintendente da CBAI e o Chefe da Delegação Americana, com fundamento na letra C, da Cláusula V do Acôrdo Internacional vigente,

RESOLVEM,

tendo em vista o disposto no Inciso I, ítem a, do Projeto CBAI-A, de 1957, revisado para 1960, promover a realização de cursos de treinamento para professores de Mecânica de Máquinas, Fundição e Modelagem, Serralheria, Mecânica de Automóveis, Eletricidade, Rádio, Tipografia, Marcenaria, no CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES, em Curitiba, no período de 14 de março a 15 de dezembro de 1960.

2. Os cursos em aprêço têm por objetivos:

- (a) aperfeiçoar os métodos didáticos;
- (b) atualizar os conhecimentos técnicos, dentro das necessidades do ensino industrial e do progresso dos processos de trabalho profissional;
- (c) promover intercâmbio de conhecimentos e idéias entre os professores;
- (d) prestar assistência no preparo de professores do ensino industrial,

e incluirão, além de prática de oficina, conferências e visitas às indústrias, o ensino das seguintes disciplinas: Princípios de pedagogia; Análise do ofício; Organização de cursos; Organização e direção de oficinas; Auxílios Visuais; Matemática; Português; Tratamento térmico dos metais (para os cursos de mecânica de máquinas, serralheria e fundição); Tecnologia do ofício.

3. O ensino se fará através de:

- aulas teóricas expositivas para a apresentação da matéria;
- aulas práticas para verificação e aperfeiçoamento das habilidades profissionais;

- debates com participação ativa dos professores-alunos;
- preparação e administração de aulas pelos professores-alunos, visando à didática individual.

4. As aulas de Tecnologia e a Prática de oficina ficarão a cargo de especialistas brasileiros e americanos.

5. Poderão participar desses Cursos professores, instrutores e técnicos das escolas federais, estaduais, municipais, do SENAI e outras entidades nacionais ou estrangeiras, especialmente convidados.

6. Para atender à realização dos cursos em aprêço, foram as despesas esquematizadas do seguinte modo:

— Passagens	Cr\$ 700.000,00
— Diárias aos professores-alunos, à razão de Cr\$ 150,00 (80 prof.)	3.300.000,00
— Pagamento por aula efetivamente dada de disciplinas correlatas, à razão de Cr\$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros)	600.000,00
— Alimentação (alojamento, limpeza, etc)	900.000,00
— Material para treinamento	1.200.000,00
— Visitas às indústrias	100.000,00
— Eventuais	423.062,10
TOTAL	Cr\$ 7.223.062,10

7. A despesa com a realização dos cursos em aprêço correrá à conta do Projeto CBAI-A, de 1957, revisado para 1960.

A presente Resolução tem efeito a partir de 1.º de janeiro de 1960.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1960.

FRANCISCO MONTOJOS
Superintendente.

ARTHUR F. BYRNES
Chefe da Delegação Americana.

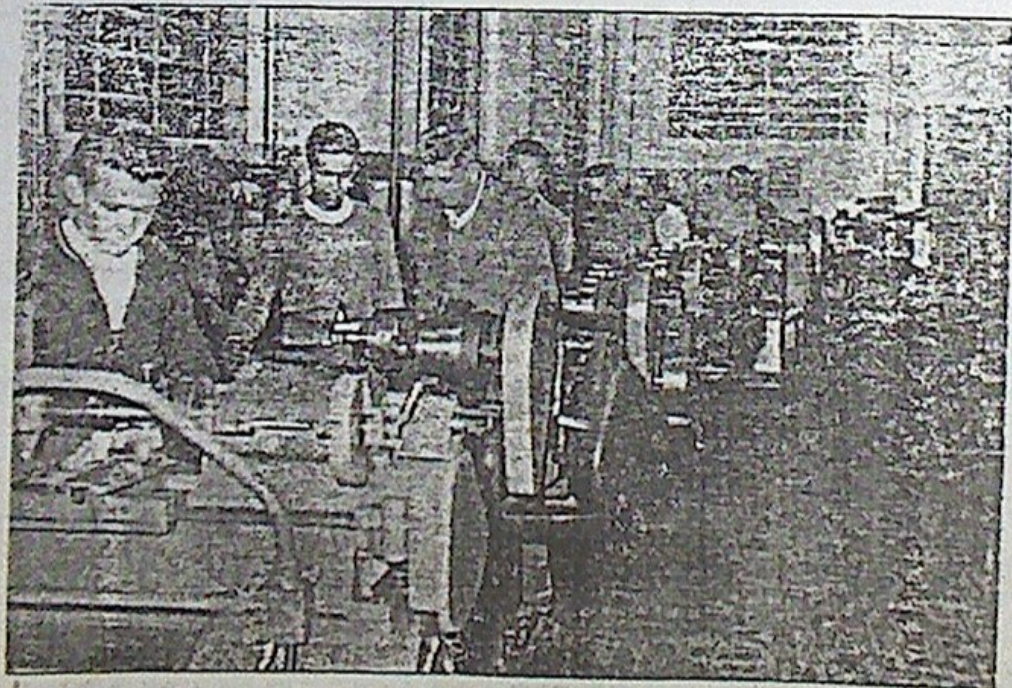
Cursos Noturnos

Com o aumento visível do nosso parque industrial, sente o profissional, em determinados setores, a necessidade de retornar aos bancos escolares, a recorrer novos ensinamentos onde lhes permitam

aprender novas técnicas, e colocar-se no ponto de acompanhar a evolução.

E' grande o número de profissionais que procuram anualmente as Escolas Técnicas e Indu

Na sala de aula de Decorações de Interiores dirigida pelo professor José Demeterco, um aluno conclue um dos trabalhos programados.



O prof. Paulo Wistuba atende ao chamado de um dos alunos do referido curso, dando-lhes os necessários esclarecimentos

trials, para se inscreverem nos cursos noturnos.

Seja qual fôr o ramo de atividade humana, o profissional de hoje vive preocupado com o progresso evolutivo do País.

Ninguém mais se conforma em viver dentro de pequenas normas de conhecimentos, sem um desejo de ampliação, desenvolvimento e aprimoramento do seu trabalho.

Para que se tornem realidade as aspirações do profissional, é necessário que ele tenha bases de cultura com noções gerais de desenho, matemática, português, amplos conhecimentos de tecnologia da sua profissão e outras matérias que lhes são correlatas.

A aprendizagem de profissões em oficinas particulares, onde se exige imediatamente a produção, e feita de maneira a tornar o seu executante, é como um autômato ou peça de máquina que trabalha sem saber o "porque das coisas". As firmas que produzem em grande escala, por meio de trabalhos em série, tornam seus empregados verdadeiros operários, e não profissionais especializados.

Encadernador não é aquele que simplesmente corta papel, dentro de uma oficina, de artes gráficas, assim como sapateiro não é aquele que somente coloca saltos em calçados.

Profissional na expressão verdadeira é aquele que conhece a tecnologia, a prática e ainda tem

bases suficientes para progredir dentro do campo profissional. A tecnologia e a prática são irmãs gêmeas; nasceram juntas, são, portanto, amigas de todos os profissionais competentes e andam de braços dados com os aprendizes que desejam uma formação profissional completa.

Está aí, portanto, o porquê da profissão que muitos desejam conhecer, e, quando conseguem, tornam-se em condições de dirigir grupos profissionais, transmitir seus ensinamentos ou trabalhar por conta própria.

* A matemática é ensinada no curso acompanhando o nível de conhecimentos e necessidades profissionais.

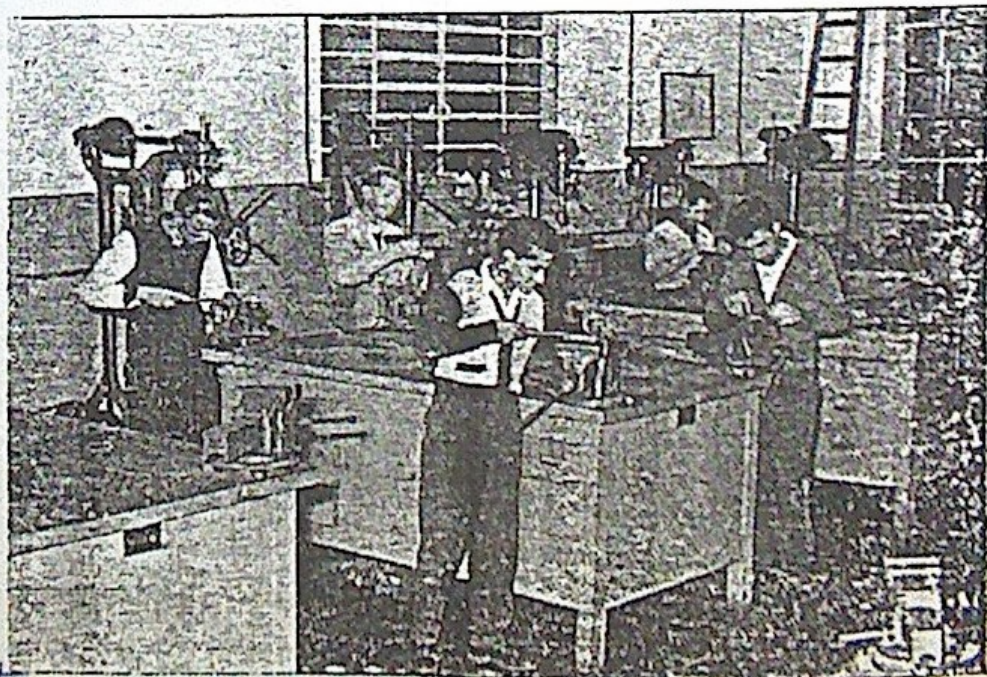
Futuramente novos cursos serão ministrados, na Escola Técnica de Curitiba, para o bem de nossa gente e felicidade do Brasil. *Anúncios do novo curso...*

"A nossa maior antipatia pelo trabalho manual e tudo que se lhe exproba não é tanto o esforço que ele requer, como o desprezo que inspira. Este sentimento é um dos que mais tem contribuído para a decadência industrial e econômica da França. Entre os povos latinos infimo letrado, o mais humilde empregado público, o mais modesto professor, se julga de uma casta superior à de um industrial, ou artífice, ainda que este ganhe mais e execute trabalhos exigindo muito mais inteligência."

LE BON

PROFISSIONAL DEFINIÇÃO

Na secção de Ajustagem o professor José Pawłowski explica a um dos alunos como ajustar determinada peça.



noturno
No curso de ~~profissão~~ "A matemática é ensinada no curso acompanhando o nível de conhecimentos e necessidades..."

Visita dos Técnicos Americanos ao SENAI

No dia 9 de julho todos os técnicos americanos da CBAI em Curitiba, chefiados por seu Diretor Mr. Alton Hill, fizeram uma visita ao SENAI.

* Foram eles recebidos no portão pelo Diretor Regional do SENAI em Curitiba, Dr. Flausino Mendes da Silva; Vice-diretor, Dr. Antonio Theolindo Trevisan; Diretor da Escola do SENAI, Dr. Lauro Ribas Linhares e pelo Diretor Regional do setor educacional, Dr. Lourival Sponholtz.

Inicialmente os visitantes foram à seção de T. W. I. onde os professores Mariano Rodrigues do Carmo e Mardeval Fornaroli ministravam seus conhecimentos a um grupo de industriais e gerentes de empresas em Curitiba.

A seguir foram visitados os escritórios da administração e seção de desenho e cópias heliográficas.

A biblioteca do SENAI prendeu por muito tempo a atenção dos técnicos visitantes que examinaram detidamente a literatura técnica lá existente.

A seguir passaram os visitantes a receber explicações à proporção que percorriam as oficinas.

Tôda sorte de perguntas foi dirigida aos Diretores que explicaram tudo com a maior fidalguia.

Vamos procurar reproduzir algumas dessas perguntas.

1 — "Qual a idade mínima para o ingresso no SENAI?"

R — 14 anos.

2 — O que os alunos fazem dos 11 anos, quando terminam o primário até os 14 anos?

R — É o que chamamos de hiato perigoso.

O SENAI já sentiu esse problema e organizou cursos vocacionais para aquele período. Presentemente o curso não está funcionando aqui mas está em outras unidades.

3 — Qual o período dedicado ao treinamento?

R — Dois anos divididos em períodos de seis meses. O aluno estuda seis meses e passa outros seis meses na indústria à qual está ligado.

Um dos americanos comentou que esse treinamento é dado nos Estados Unidos em quatro anos.

Foi-lhe então explicado que os industriais não concordam com isso. Alguns acham até excessivo o período de dois anos.

Outro fato que causou espécie entre os americanos foi o fato da legislação permitir o trabalho na indústria de rapazes de 10 anos quando nos Estados Unidos a idade mínima é 18 anos.

Outras e outras perguntas foram feitas e tôdas respondidas com prontidão e honestidade.

Solicitamos a Mr. Alton Hill, Diretor Americano que desse suas impressões da visita e é o que iremos transcrever:

"Durante tôda a tarde do dia 9 de agosto o pessoal americano da CBAI, em Curitiba, visitou a Escola do SENAI local. Esse pessoal americano está no momento constituído de:

Alton D. Hill — Técnico e Diretor.

Carlton J. Gerbracht — Técnico em Artes Industriais.

Robert S. Goulet — Técnico em Auto-Mecânica.

Stanley G. Hagen — Técnico em mecânica.

Walter W. Mertz — Técnico em Serralheria e Soldas.

Ralph H. Oeffinger — Técnico em Rádio e Eletrônica.

Harry W. Paine — Técnico em produção de Material didático.

O pessoal do SENAI saudou os americanos e mostrou-lhes a Escola tôda. Ao mesmo tempo discutiram os objetivos escolares de muitos cursos diferentes.

Também nos mostraram o escritório onde é preparado o material de instrução e tivemos a oportunidade de ver muitas amostras excelentes desse material.

A opinião dos americanos foi unânime quanto aos pontos observados nessa Escola.

As características particularmente marcantes dos seus cursos são:

1 — Flexibilidade do programa — Os cursos são constantemente desenvolvidos para atender as

Designação de Conselhos de Representantes

De acôrdo com o artigo 17 da Lei n.º 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, combinado com os artigos 88, 89 e 138 do Regulamento do Ensino Industrial, aprovado pelo Decreto n.º 47.038, de 16 de Outubro de 1959:

Art. 17 — Os estabelecimentos de ensino industrial serão administrados por um Conselho de Representantes, e terão um Conselho de Professores, obedecidas as atribuições fixadas nesta lei.

§ 1.º — O Conselho será composto de seis representantes da comunidade, escolhidos pelo Presidente da República, mediante proposta, em lista triplíce elaborada pelo Ministério da Educação e Cultura, depois de ouvida a Diretoria do Ensino Industrial, renovando-se, cada dois anos, por um terço de seus membros.

§ 2.º — O Diretor da Escola, ao qual competem as funções executivas, será nomeado pelo Presidente do Conselho, pelo prazo de três anos, findo o qual poderá ser reconduzido, recaindo sua escolha em pessoa estranha ao mesmo Conselho e com habilitação para o exercício do cargo, segundo critérios fixados pelo Ministério da Educação e Cultura.

Art. 88 — As escolas de ensino industrial da rede federal serão administradas por um Conselho de Representantes, composto de seis representantes da comunidade, escolhidos pelo Presidente da República, mediante proposta elaborada pelo Ministério da Educação e Cultura, depois de ouvida a Diretoria do Ensino Industrial.

§ 1.º — Os componentes do Conselho renovar-se-ão cada dois anos por um terço.

§ 2.º — Toda vez que se fizer a renovação do terço dos Conselheiros, serão nomeados, também, os respectivos suplentes.

§ 3.º — Nenhum servidor da escola, excetuado o representante dos professores, poderá ser conselheiro.

Art. 89 — O Conselho de Representantes deverá ser constituído de:

- um representante dos professores da escola;
- um educador estranho aos quadros da escola;
- dois industriais, pelo menos;
- sempre que possível, um representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura ou do Conselho Re-

gional de Química e um professor de escola de engenharia ou técnico de educação do Ministério da Educação e Cultura.

Parágrafo único. Os Conselheiros, observado o disposto no artigo anterior, serão escolhidos em listas triplíce, elaboradas pelo Ministério da Educação e Cultura, ou no caso das alíneas a e d pelos órgãos que representam.

Art. 138 — A nomeação dos membros do 1.º Conselho de Representantes será feita indicando-se dois membros para exercer o mandato, por dois anos; dois para exercê-lo, por quatro anos, e os demais, por seis anos. (*)

Parágrafo único. Igual critério será observado para nomeação dos suplentes dos Conselheiros.

(*) Redação dada pelo Decreto n.º 47.258, de 17 de Novembro de 1959 (D. O. de 17-11-59) — sendo a seguinte a forma primitiva: "Art. 138: A nomeação dos membros do 1.º Conselho de Representantes será feita indicando-se dois membros para exercerem o mandato, por um ano; dois para exercê-lo, por dois anos; e os demais, por três anos."

DESIGNAR

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Industrial de Aracaju, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O Professor Manoel Messias dos Santos, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor José Heribaldo Teles de Menezes;

2) O Professor da Escola de Química de Sergipe, José Rolemberg Leite, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Helena de Melo;

3) O Dr. João Machado Rolemberg Mendonça, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 3.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. José Steremberg.

4) O industrial José Prado Barreto, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Luiz Melo.

5) O industrial Nelson Mascarenhas pelo pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Efen Fernandes Fontes.

6) O educador Marcos Ferreira de Jesus pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, José Silvério Leite Fontes.

— Para constituírem o Conselho de Representantes da Es-

necessidades específicas surgidas na indústria. Há cursos também, que são interrompidos total ou temporariamente, dependendo do desejo expresso da indústria.

2 — O preparo e o uso do material de instrução. Vimos evidentemente em uso material de instrução impresso ou mimeografado, muito bem recebido em todas as classes visitadas. Esse material

nos pareceu muito prático. Essa prática sana muitas dificuldades que os professores teriam poupando tempo tão precioso que os mesmos empregará na sua instrução.

3 — A confiança do corpo docente e discente.

Na opinião de todos os técnicos americanos essa confiança excelente demonstrada pelos professores e alunos são um ótimo incentivo à educação.

Regulamento de Excursões

As excursões de natureza cultural constituem meios de contacto com a natureza, conhecimento de cidades, povos e costumes, indústria, fábricas e instituições, portanto, puramente de visitas e contactos pessoais, abrangendo diversos grupos de alunos, sendo considerada prêmio e necessidade de aprendizagem.

1. As excursões de natureza cultural somente poderão ser realizadas em períodos de férias ou em dias que não hajam aulas.
2. Participarão das excursões os alunos da Escola não impedidos por este regulamento e na ordem das notas de aproveitamento do mês anterior a excursão.
3. As excursões e passeios serão organizados pelo Serviço de Orientação.
4. Será fixada, com antecedência, o local da excursão, o número de vagas, e o roteiro a ser observado.
5. Os alunos menores de 18 anos participantes de excursão deverão trazer uma autorização, por escrito, dos pais ou responsáveis.
6. Os professores e alunos que tiverem sugestões a fazer sobre locais a serem visitados, deverão dirigir-se ao Serviço de Orientação.
7. As excursões serão de tal duração que não prejudiquem o bom andamento dos trabalhos escolares.
8. Não tomarão parte nas excursões:
 - a) os alunos que tiverem tido suspensão ou os repreendidos nos 30 dias anteriores a excursão;

- b) os repreendidos em excursões anteriores;
 - c) os alunos que deixarem de entregar a descrição referida no item 12;
 - d) os contra-indicados pelo orientador ou pelo encarregado do internato;
 - e) os contra-indicados pelos professores-chefes de oficina, a que pertencerem;
 - f) os contra-indicados pelo Diretor da Escola;
 - g) os contra-indicados pelo médico da Escola.
9. Todo material colhido, tais como fotografias, descrições, relatórios, etc. serão devidamente encaminhados ao Serviço de Orientação Educacional.
 10. Os professores escolhidos para acompanhar os excursionistas somente poderão repetir a mesma visita, se fôr necessário ao melhor aproveitamento da excursão.
 11. Os professores referidos no item anterior serão indicados pelo Orientador, com aprovação do Diretor.
 12. Todos os alunos que excursionarem, deverão apresentar uma descrição sobre a visita efetuada, acompanhada de sugestões pessoais.
 13. A descrição referida no item anterior deverá ser entregue, dez dias após o término da excursão, ao Orientador Educacional.

Curitiba, 23 de agosto de 1960.

LAURO WILHELM
Diretor.

cola Industrial Coriolano de Medeiros, da Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura:

- 1) O Professor Nicácio Lemes de Almeida, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Omega de Azevedo Nacre;
 - 2) O Professor da Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba Luciano Cesar Vareda, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Joaquim Veloso Galvão;
 - 3) O Dr. Fernando Duarte de Souza, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 2.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. Mário Glauco Di Lascio;
 - 4) O Industrial Clovis Matos Sá, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Glauco Benévolo de Benévolo;
 - 5) O Industrial Alexandre Ramalho, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Isaac Ferreira Catão;
 - 6) O Educador Manoel Viana Junior, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Josué Símplicio de Almeida.
- Para constituírem o Conselho de Representantes da Es-

cola Industrial de Belém, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

- 1) O Professor Pedro da Silva Ribeiro, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Luiz Gregório Bastos;
- 2) O Professor da Escola de Engenharia da Universidade do Pará Raul Rodrigues Pereira, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Otavio Bittencourt Pires;
- 3) O Dr. Feliciano Correia Seixas como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 1.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente o Dr. Antonio Paul de Albuquerque;
- 4) O Industrial José Hermógenes Barra pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente Baltazar Alves dos Santos;
- 5) O Industrial Jorge de Matos Brito pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Expedito Lobato Fernandes;
- 6) O Educador Oswaldo de Oliveira Serra pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Francisco de Paula Meudes.

Organização da Banda de Música da Escola Técnica de Curitiba

Com a feliz idéia de se organizar uma banda musical, vê o aluno da Escola Técnica de Curitiba concretizado o seu sonho que há muito o alimentava.

A idéia partiu da professora de canto orfeônico D.^a Kleide Ferreira do Amaral, que, sem favor, declaramos que muito tem feito pela educação musical dos alunos da Escola.

A direção da mesma acha-se a cargo do sub-tenente da Força Pública do Estado maestro Agenor Pereira da Silva e da referida professora.

O ensino, para obtenção de melhores resultados, foi dividido em duas partes:

- 1.^a — Leitura ritimica e instrumentos.
- 2.^a — teoria musical.

A 1.^a parte está aos cuidados do maestro, o qual não tem poupado esforços no sentido de ver concretizada a sua expectativa.

A 2.^a parte, de igual valor, está a cargo da professora que também tudo tem feito no sentido de ver realizado o seu desejo.

O número de alunos é de trinta, o que justifica o grande interesse despertado pelo corpo discente.

Os dirigentes têm tomado muito cuidado na escolha dos instrumentos preferidos pelos alunos a fim de que os mesmos não lhes sejam prejudiciais, e estejam em concordância com a idade e o físico do componente da banda.

Não é necessário que o aluno tenha o curso de iniciação musical, mas, sim, muita vontade de aprender.

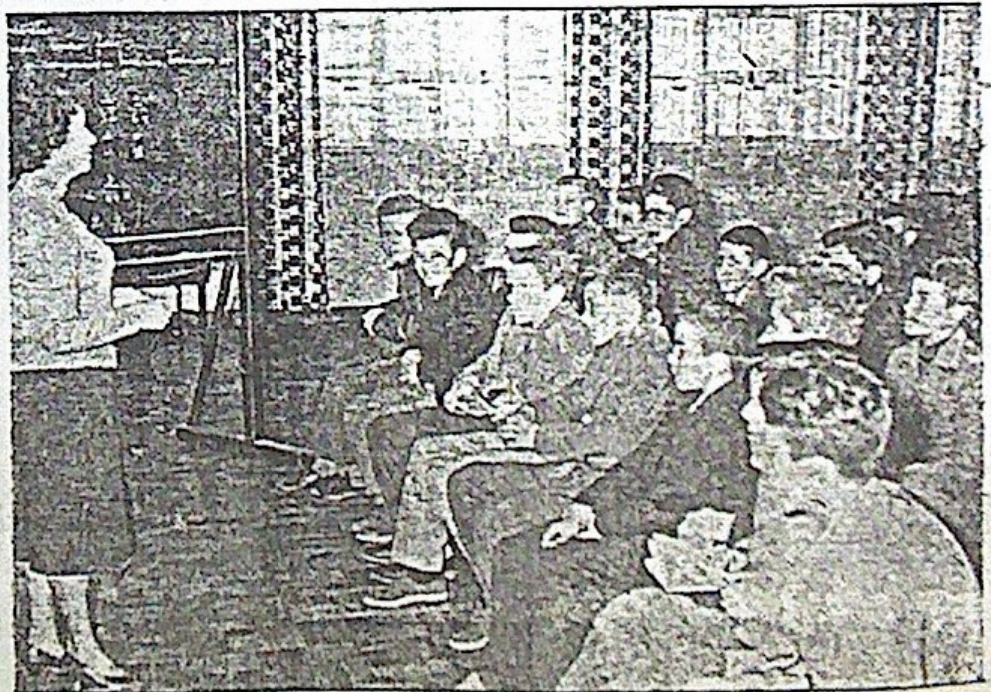
O maestro é uma pessoa que já organizou muitas bandas juvenis, não encontrando mais qualquer dificuldade em adaptar o individuo ao instrumento, e ao ensino musical.

Os instrumentos musicais de sôpro são requinta, clarinete, pistão, trombone, bombardino, baixotuba e saxofone e os de percussão: caixas claras, caixas surdas, bombo e pratos.

Mais um passo dá a Escola Técnica de Curitiba, no que se refere à Educação Musical e Cívica, pois as duas aliadas fazem parte integrante da formação do educando, conduzindo, sem dúvida, todos os pontos que sempre desejamos.

O horário destinado para tal atividade ficou determinado como última aula do dia, a fim de que

A professora Kleide Ferreira do Amaral ministrando uma das suas aulas aos alunos componentes da banda.



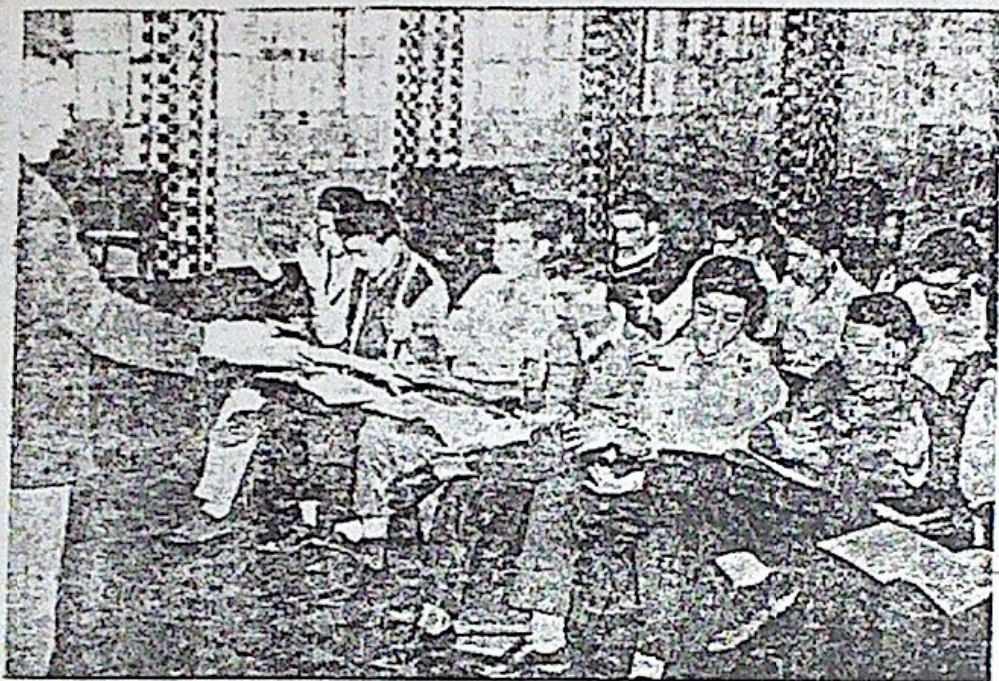
Educação musical e ainda
boa foto dos alunos

o aluno tenha em mente no dia seguinte os ensinamentos anteriormente adquiridos.

Sabemos que, além da música, existem os segredos dos instrumentos, e por isso consideramos o trabalho dos professores árduo e valoroso.

A comunidade escolar verá, pois, nos dias de comemorações cívicas, no hasteamento da bandeira, romper entusiasticamente o hino nacional.

E' motivo de alegria para todos que dela fazem parte, e não menos a nós outros que também desfrutamos da mesma satisfação.



O maestro Agenor Pereira da Silva, ensinando a leitura rítmica aos futuros músicos da

E. T. C.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Prof. LUIZ PROCÓPIO — Orientador da E. T. C.

Uma das descobertas mais importantes da humanidade foi o reconhecimento do fato de que um grande número de pessoas são infelizes e ineficientes no seu trabalho. Em fins do século XIX, quando os métodos científicos começaram a ser aplicados na indústria, a atenção foi concentrada na pessoa humana, e ficou patenteado que um grande número de operários estava mal ajustado ao trabalho.

Para se confirmar o desajustamento vocacional, basta examinar os registros de qualquer grande empresa, para ver o número de empregados que, durante o ano, abandonam seus empregos.

As despesas, acarretadas por tais condições, são uma preocupação constante para os economistas e empregadores; pois, um operário desajustado no trabalho produz pouco, e, em consequência, ganha pouco, aumentando assim, cada vez mais, seu desajustamento.

Deste modo o indivíduo sofre socialmente, porque, trabalhando com pouca eficiência, não pode ganhar melhores salários.

Muitas investigações sobre pessoas mal ajustadas mostram que esses desajustamentos eram causados pela falta de orientação que as ajudasse escolher um trabalho de acordo com suas aptidões e interesses.

O primeiro movimento de orientação profissional começou em Boston, em 1.908, pelo Dr. Frank Parsons.

Frank Parsons foi procurado por um grupo de jovens que desejava conselhos sobre a escolha da profissão e resolveu abrir um escritório onde dava consultas sobre tal problema.

O serviço foi tão aceito que, em pouco tempo, ele sentiu necessidade de ampliá-lo.

Mais tarde, ficou constatado que esse serviço deveria ser feito por uma entidade que servisse a toda a coletividade — a escola.

A escola deve ter informações completas sobre os alunos, tais como: dados sobre saúde, frequência, notas escolares, qualidades sociais e morais de cada um.

A orientação profissional é um serviço educativo, e, como tal, deve ser considerado parte integrante do programa escolar.

Ajudar aos jovens a obter informações nas quais possam basear a escolha da profissão, ajudá-los a preparar-se para a mesma, nela ingressar e progredir, continuam um serviço tão educativo como o ensino de qualquer matéria do currículo escolar.

Quando falamos em orientação, estamos considerando alguma coisa que se acha dentro da educação, pois a orientação é parte integrante da mesma. Muitas pessoas entendem que orientação é uma espécie de adivinhação e que o orientador é um mago que agita sua vara mágica para descobrir talentos.

Na verdade este conceito é falso, pois o orientador não é um mago, e sim um técnico que trabalha em bases de conhecimentos científicos. E, também, as pessoas não são predestinadas para uma única profissão e, sim, adaptáveis a um grupo delas.

« O sentido de vida do ser humano »

Palestra proferida pelo Dr. Oswaldo Pilotto, no dia 29-6, no "Rotary Club Curitiba Oeste".

Senhoras e Senhores.

Honroso nos foi, a mim e à minha esposa, o convite para esta encantadora reunião. Agradecemos, cordialmente, a deferência.

Conhecendo bem o espírito que determina as deliberações de rotarianos, estou dominado pelo sentimento de um conforto, tal como se estivesse, de fato, sendo premiado por algum trabalho em benefício do meio social em que vivo. O meu estado de alma parece que se mistura com a sonoridade do reflexo daquela palavra que é antigo lema rotário: Servir.

O que vos digo é a convicção do elevado sentido determinante da minha presença, neste ambiente de cordialidade, em companhia da minha esposa.

A circunstância do convite que recebi deu-me a idéia do tema em torno do qual a minha palavra vos havia de ser dirigida: O sentido de vida do ser humano.

O assunto é bem de educação, por constituir base do comportamento humano na sociedade.

Como sentido de vida do ser humano entendo tudo o que envolver possa a ação do homem para que a sua vida decorra, entre os seus semelhantes, em ajustados princípios que o possam fazer feliz.

De modo geral focalizarei o assunto que outro problema não é senão o de harmonia das tendências do ser humano em relação ao trabalho que deve realizar no curso da sua vida.

Como base para a educação do indivíduo o problema pertence à vida escolar e tem seus limites certos de tratamento no serviço de orientação educacional.

No exercício de uma profissão, o problema é de adaptação do homem ao trabalho.

Na educação do adolescente, quando a orientação educacional cumpre sua missão de ajustar a vida do educando no evoluir da formação da sua personalidade, terá, então, a escola resolvido a parte mais ponderável do problema.

Para a atividade profissional, se o homem teve na sua educação aquele tratamento que à escola deve estar confiado, contará com um sentido de vida que a formação da sua personalidade determinou. Foi feliz na sua formação educacional. Deseja, pois, ser feliz também no exercício da sua atividade profissional.

Há, então, duas técnicas a considerar: na escola, a orientação educacional; no trabalho, a orientação profissional.

A orientação educacional atende ao aluno na formação integral de sua personalidade. Orientação profissional é assistência — diz Pierre Weill — no sentido de que o indivíduo possa fazer "a escolha racional da profissão mais adequada à sua personalidade."

Não é bem problema novo o da orientação educacional no Brasil.

Mas, a sistematização dos seus princípios e da sua técnica é praticamente de nossos dias.

Somente em 1957 foi realizado o primeiro simpósio específico sobre este assunto em S. Paulo, por iniciativa da Campanha de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário (CADES).

As leis orgânicas do ensino já vinham determinando a respectiva prática desde 1942, com a definição dos seus objetivos. Os serviços, porém, são de pouco tempo para cá.

"O interesse pela orientação educacional cresce — disse o Diretor do Ensino Secundário Dr. Gildásio Amado, na instalação do simpósio a que me referi — cresce na medida em que se amplia a escola secundária, nos seus efeitos e paralelamente nas suas finalidades. A orientação é o acompanhamento do aluno nas suas tendências, nas suas dificuldades, nos seus problemas de estudante e de adolescente. Acompanhamento — conclui aquela autoridade — para redigi-lo no sentido do melhor aproveitamento possível de suas aptidões, de seus talentos; e para eliminar os obstáculos que se opõem a seu trabalho, de desajustamentos de várias ordens".

Para completar o sentido de tal definição valem as palavras do orientador do Colégio Pedro II, prof. Calheiros Bonfim, que afirma: "Os impulsos

da juventude brasileira se encontram na escola secundária do nosso país", e pergunta: "Que será dela, dessa juventude, se essa escola não está preparada para recebê-la, orientá-la, educá-la"?

Orientação educacional é o instrumento precioso da escola secundária para a integral formação da personalidade do indivíduo, ajustando-o à vida da sociedade em que se vai integrar, em que deve viver feliz. Feliz pela sua adaptação ao trabalho certo ditado pelas suas tendências.

No ensino profissional é hoje questão pacífica a indicação do educando para sua profissão certa, de conformidade com a sua aptidão profissional, cuja pesquisa se subordina a provas técnicas de resultados indiscutíveis, por adequadas que são. É a orientação profissional.

A empresa mais propriamente cabe a seleção profissional que de outra parte consistirá em escolher entre os indivíduos cujas aptidões a orientação profissional indicou, aqueles que melhor se ajustem ao trabalho indicado por suas aptidões.

O ajustamento mais perfeito se dará, na empresa, com a aprendizagem certa no sentido do maior rendimento possível do trabalho.

Resultará desta seqüência de tratamento do profissional a harmonia perfeita do homem ao trabalho que irá realizar. Este homem será feliz na sua profissão.

Assim também, será feliz o homem na sociedade, se lhe foram pesquisadas as tendências, orientada a sua personalidade e indicado o rumo certo para sua vida.

A escola terá produzido, assim, o homem ajustado; o homem que, pela sua educação se tornará feliz, convicto de estar sendo útil aos seus semelhantes e ao meio em que vive. Isto, pela sua real capacidade em harmonia com a missão lhe destinada.

Nesta minha conversa, eu somente desejo alertar-vos para a seriedade do problema.

Estou falando a pais que têm condições, por formação moral e de inteligência, para colaborar ao máximo com a escola.

Atentai que se objetiva, com cada vez mais acentuação, em nossos dias, aquêle conceito de que a escola deve educar.

É precisamente pelo serviço de orientação educacional que a escola completa a educação dos vossos filhos.

A vossa colaboração, de pais atenciosos ao problema, permitirá, nos estabelecimentos de ensino, a orientação da juventude para uma vida feliz.

Sereis, com a compreensão que tiverdes em tal colaboração, força estimuladora para a realização eficiente da escola nêsse sentido.

O vosso estímulo, ditado pela vossa educação de gente bem formada, de moral, de caráter, de inteligência, concorrerá para que a escola resolva os problemas de outra gente, desajustada em sua vida, infeliz no lar, revoltada na sociedade.

Uma entidade como a que vos congrega pela cordialidade e por princípios de solidariedade humana tem alto sentido na vida de um povo, porque sabe olhar com olhos de boa vontade todos os problemas que possam afligir a comunidade de sua ambiência. E resolvê-los, com segurança.

Bem por isto, eu vos aceno para o problema aqui indicado.

Quanto mais amplo fôr o interesse que tomardes pela função hoje destinada à escola e que ultrapassa a simples atribuição de formação cultural para cumprir a missão de educar, quanto mais amplo fôr êsse vosso interesse, como pais, tanto mais se projetará, na formação moral e espiritual da sociedade a ação mais preciosa da escola brasileira que tem às vistas, problemas muito sérios a resolver com relação à juventude.

Esta vossa congregação de amizade e mútuo entendimento pode ser, com efetiva e permanente atuação, na tomada de contacto com a escola dos vossos filhos e dos filhos de outrem, uma força entre as mais que possam lidar pelo bem da juventude brasileira para lhe dar, com realidade, um elevado sentido de vida.

(Transcrito do Boletim "Rotary Club de Curitiba Oeste").

"O brasileiro não encontra, em nosso meio, desde os primeiros dias de infância, a escola de virilidade, de autonomia e de iniciativa, que o devia preparar para o trabalho; não recebe a lição de laboriosidade e de resistência; não adquire a consciência de que é um produtor, um agente dinâmico da vida social. Os que mostram na infância e no curso secundário, um pouco de memória e alguma sagacidade, seguem para os cursos superiores, onde ganham, com direito de pretender empregos públicos e cargos de eleição, um desprezo nauseoso pelo trabalho industrial e agrícola."

ALBERTO TORRES

Excursão a Cidade de Paranaguá

Entre as diversas atribuições destinadas ao Serviço de Orientação Educacional e Profissional, de acôrdo com o recente regulamento do Ensino Industrial, referimo-nos à letra d, do art. 82, salientam-se às atividades de orientar, em bases pedagógicas, o descanso, a recreação e outras atividades extracurriculares.

Dando prosseguimento, e desenvolvimento a todos trabalhos regulamentados a êsse Serviço, foi que, no dia 14 de agosto dêste ano, realizou-se uma excursão à cidade de Paranaguá.

A escolha desta cidade prende-se ao motivo de a maioria dos alunos não conhecerem o litoral, e, ainda, por ser a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá muito importante a pessoas que estudam técnicas, desejam ser engenheiros, e ainda interessante por atravessar a Serra do Mar dando-nos paisagens maravilhosas, motivando idéias e auxiliando a imaginação dos alunos para uma ótima descrição.

Conforme manda o regulamento de excursões, todos os alunos foram obrigados a redigir trabalhos acêrca dos mesmos, entregando-os dentro de dez dias, após o término do passeio, de acôrdo com a exigência do regulamento.

O número de alunos que participaram, foi de vinte e três, acampanhados pelo Orientador Educacional professor Luiz Procópio e pelo professor Laudelino de Oliveira, que atualmente auxilia o Serviço de Orientação desta Escola.

Pelas descrições apresentadas, pudemos sentir o contentamento, o prazer e o valor do referido passeio.

Preliminarmente, o Serviço de Orientação marcou uma reunião com a turma de excursionistas, e manteve com êles demorada palestra sôbre diversos pontos a serem observados em viagem, e, em seguida, entrou em contacto com o Serviço Médico da Escola, sôbre as necessidades de exame médico aos componentes da turma.

Quanto ao aproveitamento dêsse passeio, não há nenhuma dúvida, em virtude do grande interesse despertado, que notamos na viagem em virtude do verdadeiro bombardeio de perguntas.

Aquêles alunos que nunca viajaram de trem, e não conheciam Paranaguá, estão hoje em condição de descrever, com relativa precisão, fatos importantes da nossa principal ferrovia e da cidade de Paranaguá.

Sabem que a importante ferrovia foi inaugurada em 5 de fevereiro de 1885, completando êste ano setenta e cinco de existência.

Possui a mesma 14 túneis, sendo o mais longo o de Roça Nova, com 429 metros de comprimento. Puderam conhecer de perto os viadutos Carvalho e Sinimbu.

A distância da Capital à cidade litorânea é de 110 quilômetros, seu tráfego intenso; é um dos prin-

*Alunos da E.T.C. em pose
para mais uma foto na bela e
pitoresca cidade litorânea.*



principais portos de onde se escoia a maior riqueza que produz o Paraná, o café.

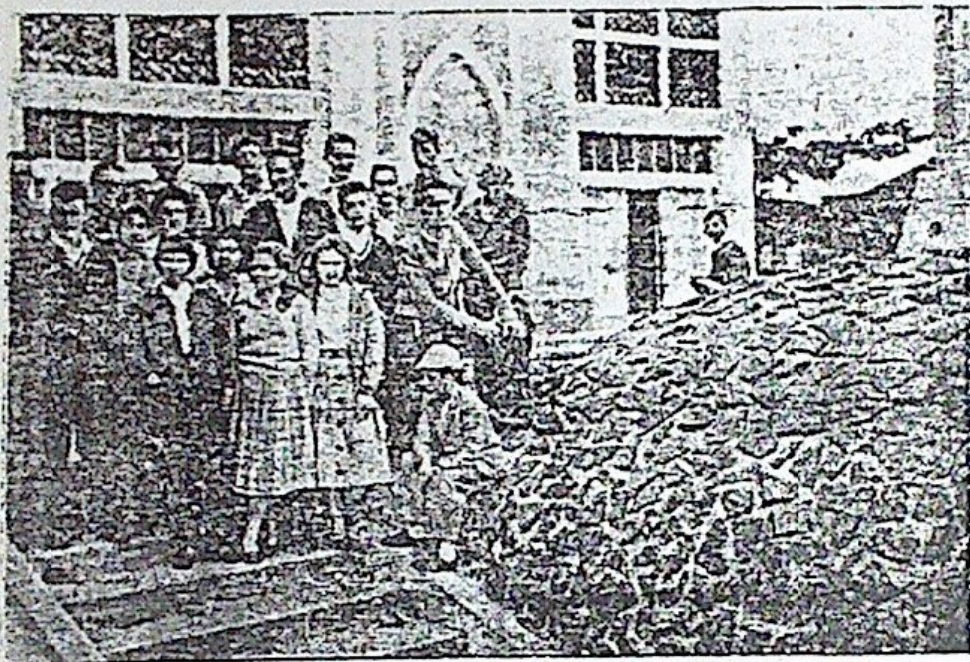
A eletrificação da ferrovia teve início em 1952 e já conta 43 quilômetros em funcionamento. O restante será completado até dezembro de 1961. Ficou provado que esse processo é mais econômico, que os demais — Diesel, vapor, lenha, carvão. Em virtude da economia e de outras vantagens, resolveram os engenheiros lançar mão do potencial hidrelétrico do rio Ipiranga na Serra do Mar. Uma das particularidades que determinou a escolher o referido rio, é o fato de que, nas proximidades da

estação Vêu de Noiva, haver um desnível de 470 metros.

Ali será construída uma usina com quatro grupos de alternadores de 3.000 K.w. nos bornes.

É usado o sistema de corrente contínua sob a tensão de 3.000 Voltes, obtidos através de estações retificadoras.

Ao longo do trecho, haverá cinco sub-estações, sendo que duas já estão em funcionamento, localizadas em Curitiba e Piraquara. As demais serão montadas em Marumbi, Morretes e Alexandra.



Grupo de alunos excursionistas da E.T.C. defronte a igreja de N. S.^a do Rocio em Paranaguá.

Duque de Caxias

Enquanto houver brasileiros, imitadores do exemplo do grande soldado Luiz Alves de Lima e Silva, o Brasil será sempre admirado e respeitado.

Soube cumprir com dignidade o alto cargo que a pátria o colocou como soldado e companheiro, dando sempre amostras de bravura o que muito honrava os seus subordinados.

Jamais conheceu o amargor da derrota.

É considerado com muita justiça o patrono do exército nacional como recompensa das suas brilhantes atuações nos campos de luta.

Nasceu no dia 25 de agosto de 1803 na fazenda de S. Paulo, vila de Estrela, Estado do Rio de Janeiro.

O general Luiz Alves de Lima e Silva, marquês de Caxias, a frente do exército aliado entra em Assunção, capital do Paraguai em 5 de janeiro de 1869.

No dia 23 de março de 1869 é agraciado com o título de Duque.

Além de Luiz Alves de Lima e Silva, que não tinha sangue real nas veias, só duas outras pessoas alcançaram, no Brasil, aquela elevada honorificência: a duquesa de Goiás (filha

natural de D. Pedro I com a marquesa de Santos) e o Duque de Santa-Cruz, Augusto de Leuchtenberg (irmão da segunda imperatriz do Brasil).

No dia 7 de maio de 1880 — morre na fazenda de Santa Mônica, estação de Desengano, hoje Jurupuná, município de Vassouras, estado do Rio de Janeiro.

Marechal do exército, Conselheiro de Estado e por três vezes, Presidente do Conselho.

Seu nome é uma síntese admirável do vigor nacional, nas lutas da independência, nos tumultos da regência, na pacificação das províncias após a Maioridade, na desafronta de nossa honra nas guerras do Prata.

Já havia presidido o Maranhão e era presidente do Rio Grande do Sul quando entrou para o Senado em 1845.

O seu vulto heróico se destacará sempre com incomparável esplendor na defesa da pátria.

Os dois títulos que lhe foram conferidos em vida pela gratidão de seus compatriotas, bastam para que seja imperecível sua memória; os de pacificador do Império e de primeiro de nossos generais.

Visita à Usina Siderúrgica Marumby Ltda. "USIMAR"

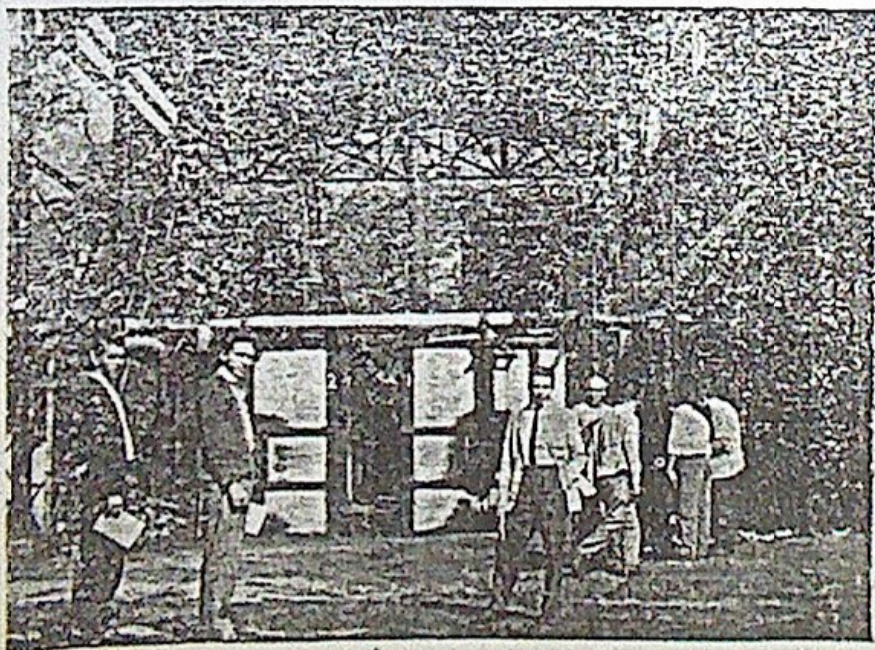
Em cumprimento ao programa do Curso de Treinamento de Professores, os cursistas srs. Manoel Luiz da Silva, José Carlos Piovesan, Manoel Ribeiro de Vasconcelos, Antônio E. L. da Silva, Fábio Brandão, Jeferson Carneiro, Severo de Campos e Rodolfo Grahl, acompanhados pelo professor do curso Amarú Brasil, estiveram em visita de estudos, no dia 19 de julho deste ano, na Usina Siderúrgica Marumby Ltda, localizada em Rio Branco do Sul, e pertencente à firma MÜLLER & IRMÃOS LTDA.

Pelos relatórios apresentados, verificamos da necessidade para fins de conclusão dos diversos assuntos tratados em aula, ser indispensável a ida dos cursistas a esses locais de trabalho.

O objeto da visita foi conhecer o alto forno e seu funcionamento. Apesar do tempo determinado ter sido pequeno, por se tratar de um local distante da Capital, puderam os cursistas aproveitar o máximo e colher os dados que acharam necessários. Desejamos afirmar que foram muito bem recebidos, graças ao engenheiro Orlando Müller e o gerente que, com atenção e bondade que lhe são peculiares, reponderam com a maior precisão de detalhes, tôdas as perguntas feitas. Em primeiro

plano, os dirigentes da firma fizeram questão de mostrar os depósitos de carvão, calcáreo e minério de ferro, como se acham instalados e da situação de nível com a boca do forno, facilitando, desta forma, o carregamento do mesmo, dispensando elevadores para o transporte das matérias primas. O combustível empregado é o carvão vegetal, adquirido com grande facilidade nas proximidades da usina. Esse carvão é produzido em medas resultantes da combustão incompleta da madeira. A lenha usada freqüentemente é a bracinga, muito cultivada na localidade, onde se acha a referida usina. O minério usado é a limonita com teor de ferro que varia de 40 a 45%, sendo o minério explorado nas proximidades e em minas próprias. O referido minério, antes de ir ao forno, passa por britadores. Nota-se que o mesmo não sofre lavagem para eliminação das impurezas. O fundente utilizado é o calcáreo, existindo em grande quantidade nas imediações. Cada carga do forno contém a seguinte disposição: 1.200 m³ de carvão vegetal, 1.575 kg. de minério e 70 kg. de calcáreo.

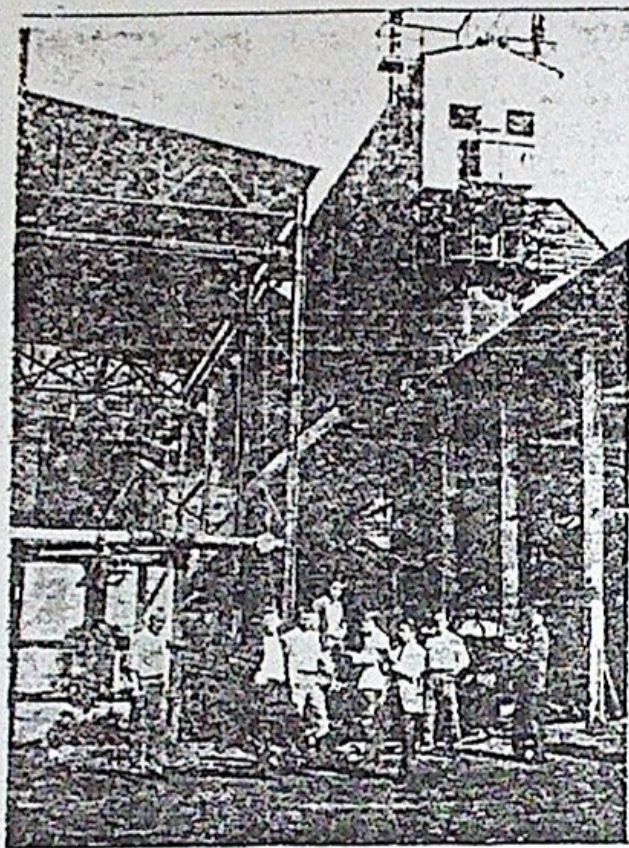
O carregamento do forno é feito manualmente. Existem na boca do alto forno dois cones controlados de tal forma que, no momento do carrega-



Os cursistas durante a visita

na "USIMAR".

mento, o cone superior abre, enquanto o inferior se conserva fechado. Fechado o superior, abre o inferior. Este controle é feito para evitar desperdício de gás. Mesmo assim há uma reduzida perda de gases que se acha no espaço correspondente



Um grupo de cursistas no momento que terminavam de anotar tôdas as informações, acompanhados pelo prof. do curso Amarú Brasil.

entre os dois cones. Na bôca do forno a temperatura varia entre 50 a 120° C., o ar é insuflado com uma temperatura de 500° C. A um metro abaixo do cadinho, a temperatura é de 70° C. A coluna d'água é de 1,10 mts. O controlador térmico acusará qualquer anormalidade ocasionada no alto forno. O gás produzido no alto forno sai diretamente por tubulações até o lavador, e daí pela parte superior até à caldeira a vapor. A caldeira produz vapor para o locomóvel que, com seu movimento, produzirá energia, em conjunto com o motor diesel, aciona os geradores para produzir eletricidade e os ventiladores para produzir ar atmosférico. Estes ventiladores têm por finalidade impulsionar o ar para o alto forno. O gusa produzido é denominado "Capirú" com um teor de silício em média de 2,5 a 3%. Este gusa é fundido em lingoteiras e produzido por corrida em média de 1.300 kgs. A escória produzida não é aproveitada.

Conforme a associação de normas técnicas, os diferentes teores de silício no gusa estão classificados pelas diferentes cores.

Até 1% de silício	prêto
De 1 a 1,5%	verde
De 1,5 a 2%	azul
De 2 a 2,5%	vermelho
De 2,5 a 3%	amarelo
Acima de 3%	cinzento

Ainda existe uma fundição anexa produzindo pequenas peças como grelhas, chapas e argolas para fogões.

(Continuação da página 16).

oficiais, da comemoração das datas históricas e conseqüente exaltação dos nossos heróis.

Nos conservatórios são preparados os intérpretes da arte musical. Nas escolas primárias e secundárias é preparada a futura platéia, capaz de compreender e apreciar a música por êles executada.

A terceira finalidade é, portanto, a de orientar os alunos para a apreciação da boa música, e, se o professor descobre nas suas classes alunos talentosos, seu dever é encaminhá-los para a aprendiza-

gem especializada de algum instrumento musical ou para o estudo de canto artístico.

O canto orfeônico é hoje professado com incontestável apuro em todo o mundo civilizado e a sua importância capital consiste em educar socialmente o aluno, desenvolver o gosto pelo canto em conjunto, assim como em despertar o interesse pela música folclórica de seu país.

Educadora por excelência de gerações, essa disciplina faz com que os colegiais se sintam integrados no espírito da coletividade que é a essência no processo de adaptação do indivíduo à sociedade.

o músico como instrumento de

CANTO ORFEÔNICO



Prof.ª Kleide F. do Amaral Pereira

— O que é canto orfeônico? Qual a finalidade desta matéria? Por que é ela incluída no currículo escolar?

— Estas são perguntas que me fazem continuamente, talvez porque nas Escolas Técnicas é o canto orfeônico considerado apenas prática educativa e não matéria de cultura geral como nas demais escolas.

Tentarei, portanto, dar em algumas palavras uma idéia do seu significado e merecimento.

O canto coral existe desde a antiguidade, porém coube a um francês de nome Wilhem Bocquillon o privilégio de ser o primeiro de congregar massas populares, em início amadores, para a formação de conjuntos aos quais deu o nome de orfeões, em homenagem a Orfeu, o mitológico deus da música.

Em 1781, sendo oficializado nas escolas primárias da França o canto orfeônico, foi indicado para dirigi-las o mestre Bocquillon. Tal foi o entusiasmo despertado pela novidade que não tardou essa disciplina a ser introduzida em tôdas as esco-

las, mesmo superiores, tendo sempre à frente Bocquillon no cargo de diretor inspetor geral, que o exerceu até sua morte.

Da França passou à Inglaterra o gosto pelo canto orfeônico, e, mais tarde, aos outros países.

No Brasil veio a ser introduzido pelo maestro Gomes Júnior nas escolas de S. Paulo.

Não se pode, porém, falar em canto orfeônico sem se ressaltar a figura do saudoso maestro Villa Lobos que, em 1932, começou a trabalhar pela implantação desse ensino nas escolas da Prefeitura do antigo Distrito Federal.

Villa Lobos dirigiu a apresentação de grandes concentrações escolares que demonstraram a boa vontade e interesse dos colegas pelo canto em conjunto. Foi ainda ele quem criou o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico para o preparo de professores nessa especialização.

Há no repertório de peças orfeônicas verdadeiras jóias musicais de sua autoria, como, por exemplo, "O canto do pajé", "Heranças da nossa raça", "Invocação em defesa da Pátria", etc.

São três as finalidades precípuas do canto orfeônico, a saber:

- 1.ª) Disciplina
- 2.ª) Civismo
- 3.ª) Arte.

> finalidades

O canto orfeônico não é um ensino especializado de música, porém usa-a apenas como meio para atingir aqueles objetivos.

As canções ensinadas são veículos usados para tornar a aula mais atraente.

Em primeiro lugar, o professor deve procurar implantar a "disciplina espontânea", isto é, fazer com que cada aluno compreenda que a sua atenção é importante e que da sua colaboração depende o êxito ou o fracasso de uma realização em conjunto.

Para isto, o professor conta com o processo da divisão da turma em grupos, das concentrações parciais (séries) ou totais (tôda a escola) em programas sociais, culturais ou cívicos.

A segunda finalidade ou seja o desenvolvimento do patriotismo ou senso cívico, é atingida através do ensino de canções patrióticas e dos hinos